

O JOVEM DO MUNDO CONTEMPORÂNEO E AS REDES SOCIAIS

Renata Barcellos (UNESA)
rs.barcellos@bol.com.br

O mundo moderno exige pessoas preparadas para enfrentar e absorver as novas formas de mensagens que chegam até elas. (Adilson Citelli)

Para a pesquisa, foi formulado um questionário contendo as seguintes questões: quais as redes sociais você utiliza e com que finalidade?, Como ocorre esta relação: responsáveis – internet e você (tempo online – a interferência na convivência etc.)?, Defina os jovens do mundo atual (desejos e temores) e a partir da relação pais e filhos, atualmente, quais são os principais conflitos de geração? Por quê?. Essas questões foram propostas para os 110 alunos do CEJLL, do 3º ano, no mês de novembro de 2010. Cabe ressaltar também que fui professora de Português deles ao longo do Ensino Médio.

Como o objetivo dessa escola fruto da parceria do Estado com a OI é de que o professor seja um pesquisador (há várias linhas de pesquisa na instituição, dentre elas o ensino médio integrado e os jovens do mundo contemporâneo) e disseminador de novas práticas pedagógicas a partir do uso dos recursos tecnológicos, é preciso que se entenda o contexto atual e os participantes do mesmo. Isto é, na sociedade contemporânea, quem é esta juventude? O que anseia e teme?

1. *Como são os jovens contemporâneos?*

No CEJLL, ao longo de dois anos e meio, a partir do convívio com alunos na faixa etária de 14 a 18 anos, os jovens do século XXI (cabe ressaltar que o termo **jovem** é proveniente do lat. *juvènis*, e 'jovem, novo (com respeito a seres vivos), juvenil', tb. como subst. em lat. *juvènis, is* 'rapaz, rapariga' HOUAISS, 2001), em que cada um optou por um dos três cursos profissionalizantes no término do primeiro ano, pude constatar que, mesmo com toda a tecnologia a seu dispor tanto dentro da escola como fora, a maturidade não está relacionada ao seu uso, nem mesmo o manter-se atualizado.

Um exemplo disso é quando ingressei no colégio, logo pude inferir que, apesar de estar numa escola tecnológica, em que o aluno vive “conectado”, mesmo assim a maioria era “alienada”. Como isso era possível? Não passavam horas navegando?

Das muitas conversas no MSN, do questionário proposto como corpus para esta pesquisa, concluí que de fato a interação, que é definida como “o lugar de uma atividade coletiva de produção de sentido, atividade que implica o emprego de negociações explícitas ou implícitas que podem ter êxito ou fracassar” (KERBRAT-ORECCHIONI 1990, p. 28) dos jovens é peculiar do contexto socioeconômico-cultural vigente. A juventude do século XXI pertence a uma nova realidade: a da cirurgia a laser, a micro-ondas, a controle remoto para tudo, até carro que não precisa de ninguém para dirigir. Já nasceu imersa a tanta tecnologia, enquanto que, oriundos ainda do fogão de lenha, poço, fósforo etc.; precisam se apropriar de tudo isso para poderem se comunicar com eles, que são definidos como *nativos digitais*:

As gerações nascidas nas últimas décadas cresceram com a internet, videogames, cds, vídeos, celulares, etc. Estas tecnologias já estavam aqui quando eles nasceram e por eles foram incorporadas com naturalidade, da mesma forma como o fizeram as gerações anteriores com os carros e TVs. Este fato implica, não somente que esta geração tenha total familiaridade com as tecnologias digitais, “dá a denominação *nativos digitais*” como também, baseando-se em estudos das neurociências, sua forma de pensar, e mesmo a estrutura física de seu cérebro, é diferente das dos imigrantes digitais, que aprenderam e se formaram num mundo analógico e para os quais o mundo digital supõe um processo de imersão nas tecnologias. (PEÑA LÓPEZ 2007, *apud* SALLES, 2007, p. 1)

Atualmente, responsáveis, educadores, advogados... estão se familiarizando (se tornando imigrante digital) e se adaptando com todos os recursos tecnológicos para poderem saber como lidar com os jovens e criarem leis para os diversos crimes provenientes de uma das ferramentas disponíveis (como, denegrir a imagem de alguém numa comunidade do Orkut, expressar determinadas ideias no blog, plagiar trabalhos, postar fotos íntimas de alguém no Orkut, facebook, criar vídeos para o youtube com conteúdos inapropriados...), raquear computador da escola – de um professor – ou de um chefe). Que tipo de punição é dada para esses casos? Já há leis para o controle do uso da internet (<http://www.internetlegal.com.br/biblioteca/legislacao/>) e uma cartilha está disponível para a população (<http://cartilha.cert.br/download/cartilha-02-prevencao.pdf>).

Dessa forma, observo que a tecnologia está evoluindo de uma forma tão rápida que a sociedade não está conseguindo acompanhar toda essa mudança constante. É preciso que todos orientem os jovens e tenham bom senso ao se defrontar com um problema desses.

Especificamente na área da Educação, não há mais como professores e gestores ficarem alheios a toda essa tecnologia. Não basta criar e disponibilizar um laboratório em cada instituição de ensino se os docentes não sabem lidar com as ferramentas. Eles precisam, primeiro, almejar ser um *imigrante digital* (“Mark Prensky adota essa expressão para designar todos aqueles que nasceram em período anterior à Internet e procuram incorporar a tecnologia no seu cotidiano, mas deixando sempre um rastro de sotaque analógico nos seus afazeres”) e, segundo, se conscientizar de que sua prática pedagógica deve se adequar às novas demandas.

Os responsáveis, por sua vez, na maioria das vezes, não sabem mais como impor limites, o que fazer quando os jovens passam horas e horas diante de uma tela. Enfim, como controlar as ferramentas que utilizam e os sites que frequentam? O que dizer? Fazer? Em uma das perguntas do questionário da pesquisa, quis saber o seguinte: como é a relação deles com a internet e seus responsáveis. Ao ler as respostas, constatei que há dois tipos de comportamento deles com a internet: os que a usam e os que pouco a usam. Do grupo que a utiliza, os pais reagem da seguinte maneira: o acesso é 75% *livre* (por confiança, por utilizarem também e se comunicarem através de alguma ferramenta mesmo em casa ou por omissão), *vigiado* 22% (ao lado quando está online ou inclusive têm as senhas para ter acesso a tudo que é feito), *contra-vontade* 3% (enquanto está online, há discussão por serem excluídos digitais ou por não serem a favor do uso, principalmente, das redes sociais).

Por sua vez, a cada dia que passa, mais os jovens dominam as diversas tecnologias. Para eles, tudo é natural. A forma de interagirem à distância não causa estranheza. A partir disso, propus na terceira pergunta do questionário a seguinte questão: defina os jovens do mundo atual. De todas as respostas, percebi que há dois tipos, que os defini assim: o dos *atenados*, aqueles que almejam um futuro melhor, preocupam-se com emprego, formação acadêmica etc.; e o dos *alienados*, aqueles que só pensam no presente, em curtir a vida, não têm perspectiva nenhuma, nem atitude etc. Lendo as respostas, algumas me surpreenderam como: os que disseram que os jovens são gananciosos, querem dinheiro fácil (10%) e temem no futuro não alcançarem seus objetivos. Pelo que conversei com eles, observo que a maioria ainda são imaturos e devido a isso

não sabem que área seguir para prestar vestibular. Muitas vezes, a família não dá a devida atenção (sobretudo, na fase da escolha da carreira). Então, acabam medindo “socorro” aos professores, ao ponto de quererem que nós façamos a escolha por eles. O pior é quando alguém declara que há pouco diálogo dentro de casa. O que constatei em alguns é o fato de viverem “online”. Literalmente, a vida é o computador. Alguns interagem o tempo todo através das diversas redes sociais. E a família? Que espaço ocupa? Onde está? Onde fica?

2. Os jovens contemporâneos e as redes sociais

No presente contexto, os jovens utilizam todos os aparatos tecnológicos no seu cotidiano para interagirem, a respeito disso, conforme Fábio Tagnin:

Nossos jovens não chegaram a conhecer um mundo sem videogames, e-mail e mensagens instantâneas. Não é preciso ir muito longe para afirmar o que diversos estudos confirmam: que os hábitos dos jovens de hoje são muito diferentes daqueles dos seus pais e professores.

Eles vêm sendo chamados de “nativos digitais”, que aderem de maneira transparente e automática às tecnologias emergentes, enquanto os adultos são chamados de “migrantes digitais”, aqueles que precisam adaptar-se – não sem alguma dificuldade – às novas ferramentas e novas formas de fazer as coisas. (TAGNIN, 2008, p. 1)

Na primeira pergunta do questionário, propomos que eles dissessem quais redes sociais utilizavam e com que objetivo. As respostas foram as seguintes:

Quais são as redes sociais utilizadas:

- | | |
|------------|-------------|
| 1- Orkut | 5- Facebook |
| 2- MSN | 6- E-mail |
| 3- Twitter | 7- Blog |
| 4- Youtube | |

Com qual finalidade?

- | | |
|--------------------------|------------------|
| 1- Conversar com amigos; | 4- Postar fotos; |
| 2- Informar-se; | 5- Jogar; |
| 3- Expor pensamentos; | 6- Entreter-se; |

Hoje, por causa da tecnologia disponível no celular, os jovens acessam esses diferentes ambientes virtuais de qualquer lugar. O estar

conectado faz parte do cotidiano deles assim como qualquer ação indispensável ao ser humano, por exemplo: beber água e alimentar-se. A relação deles com o mundo que nos cerca é realmente diferente de outrora. Precisamos nos acostumar com a presença da tecnologia ao nosso lado para sabermos utilizá-la para nosso benefício e não o contrário. Para muitos responsáveis, as redes sociais servem como um instrumento a mais para monitorá-los. Cabe ressaltar que as empresas estão pesquisando o perfil de seu futuro funcionário nessas ferramentas também. As fichas cadastrais já contêm um ícone para que o candidato forneça dados a esse respeito.

A partir dos endereços eletrônicos um profissional responsável os acessa e faz uma análise da imagem veicula da pessoa a ser contratada. A mídia tem fornecido informações a este respeito a partir de entrevistas, matérias etc., por exemplo: no jornal *Zero Hora* “Empresas adotam redes sociais para agilizar contratações. Divulgação das oportunidades em mídias sociais significa o primeiro passo no processo”

(<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Economia&newsID=a3021903.xml>) e a entrevista de Juliana Mello da empresa Talengy

(<http://www.profissionaisiti.com.br/2010/04/entrevista-utilizando-redes-sociais-para-selecao-de-candidatos/>), a fim de sensibilizar e conscientizar a população.

Sobre a imagem que os jovens transmitem deles nas diversas redes sociais, observo que para eles é natural expressar-se livremente através de *citações* (“Nós abriremos o livro. Suas páginas estão em branco. Nós vamos pôr palavras nele. O livro chama-se Oportunidade e seu primeiro capítulo é o Dia de Ano Novo.” – Edith Lovejoy Pierce), *pensamentos* resultado de uma experiência (por exemplo, “nunca espere muito das pessoas”), *desejo* (“praia hoje seria bom”), *recado* (“x se entrar, quero falar com vc”), *sentimento* (“NAVE – vou morrer de saudade”), *links* de músicas, pedidos para lerem ou ouvirem algo e opinarem (“Galeraaa, confirmem e me digam o que acharam :D abrcs

<http://www.youtube.com/watch?v=9tsNWqAuDbE>) etc. Eles não hesitam em dizer o que pensam até de modo agressivo e constrangedor para quem lê (no caso, me refiro aos imigrantes digitais), por exemplo, “prova hj fu” – “PORRAPORRAPUTAQUEPARIU” – “SHOW de hj foi FODA P CARALHO – Especialista em tacar pó de mico no pinto dos outros”). Compete então a nós educadores e responsáveis a tarefa de alertá-los, levá-los a conscientização de que determinadas formas de expressão ina-

dequadas podem comprometer seu futuro profissional. Podem perder uma oportunidade por ter postado algo que não foi bem visto.

É importante destacar também que há uma grande necessidade deles mostrarem o físico. É notório que isso é reflexo da sociedade em que vivemos, onde a preocupação com a estética é excessiva. Pelas postagem de fotos, ratifiquei isso. As meninas se apresentam de biquíni para mostrar como estão em forma e os meninos com o tórax exposto para que vejam o porte atlético.

3. Considerações finais

A partir do convívio ao longo do EM com alunos na faixa etária dos 14 aos 18 anos, do CEJLL, e do questionário proposto no final do ano letivo, inferi que, atualmente, todo esse avanço tecnológico levou os jovens a ter uma percepção de mundo diferente de outrora. Isto é, a tecnologia fez com que a relação dos jovens com seus semelhantes mudasse.

Com base nisso, cabe aos responsáveis e educadores orientá-los quanto ao uso das diversas ferramentas (quais e o tempo de uso). Estamos vivendo um momento de transição (antes, sem internet, celular...; e depois com o avanço tecnológico: i-pad, micro-ondas, TV de plasma...) em que se requer de cada um de nós adaptação, domínio e dos advogados especificamente, criação de leis para o convívio no mundo tecnológico.

Estamos num caminho sem volta, em que a tecnologia é a mola propulsora. Por isso, independente de pertencermos ao grupo dos nativos ou imigrantes digitais, o crucial é a forma como estamos e vamos utilizá-la. Precisamos incorporá-la ao nosso cotidiano para que o efeito de seu uso pelos jovens não seja tão nocivo quanto o das drogas, como foi nas décadas de 80, 90 e ainda nos dias de hoje. Ela não pode ser caracterizada como um vício como já há inúmeros casos como apontam pesquisas (“De 189 milhões de usuários, 6% a 10% foram diagnosticados como portadores deste vício”). <http://www.misteriosdocotidiano.com/2010/11/30/o-vicio-em-internet> - <http://psico.net/tcc/introducao/historico.htm>). Não podemos permitir que ela se sobreponha ao humano. A função dela é de nos auxiliar e não nos substituir, ou até mesmo nos levar à morte como nos casos de determinados relacionamentos virtuais em que o resultado é um fim trágico (http://www.investigacao-virtual.org/namoro_virtual.html).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental e Médio*. Brasília: MEC, 2002.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Outras linguagens na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.
- DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1999.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Susana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. *Projeto político-pedagógico da escola cidadã*. PPP, 1998.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: A teoria na prática*. São Paulo: Artmed, 1995.
- _____. *Sobre as várias inteligências*. São Paulo: Nova Escola, setembro, 1997.
- GAVAZZI, Sigrid; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino (Orgs.). *Texto e discurso: mídia, literatura e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- GERALDI, João W. *Linguagem e ensino*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales*. Paris: A. Colin, 1990.

MARCONDES, Beatriz (Org.). *Como usar outras linguagens na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília. *Formação em Letras e pesquisa em linguagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MOIRAND, S. Situação de escrita, imprensa escrita e pedagogia. In: *O texto: Escrita e leitura*. Campinas: Pontes, 1988.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 1999.

Rodrigues, F. P. M. *Prática do professor no ensino de informática*. Pelotas, 1998.

SALLES, Miriam. Nativos e imigrantes digitais: um mito? Blog sobre Informática Educacional e Meio Ambiente. Disponível em: <<http://miriamsalles.info/wp/?p=373>>. Publicado em: 27 nov. 2007.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TAGNIN, Fábio. *Computação 1 a 1: o desafio de guiar os nativos digitais*. Blog de Educação digital da Intel. Disponível em: http://blogs.intel.com/educacaodigital/2008/07/computacao_1_a_1_o_de_safio_de_guiar_os_nativos_digitais.php>. Publicado em: 18 jul 2008.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.